e-cadernos CES

02 | 2008
Novos mapas para as ciências sociais e humanas

Desconstrução da colonialidade: iniciativas indígenas na Amazônia

Lino João de Oliveira Neves

Edição electrónica
URL: http://journals.openedition.org/eces/1302
DOI: 10.4000/eces.1302
ISSN: 1647-0737

Editora
Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica
Lino João de Oliveira Neves, « Desconstrução da colonialidade: iniciativas indígenas na Amazônia », *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, posto online no dia 01 dezembro 2008, consultado o 10 dezembro 2020. URL : http://journals.openedition.org/eces/1302 ; DOI : https://doi.org/10.4000/eces.1302

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

Desconstrução da colonialidade: iniciativas indígenas na Amazônia

Lino João de Oliveira Neves

1. Colonização e colonialidade do conhecimento na Amazônia

1 Muito mais grave que o genocídio geral praticado em toda a América Latina contra os povos indígenas, foi o processo de imposição do pensamento europeu/eurocêntrico que eliminou muitas formas distintas de pensamento e condenou ao esquecimento conhecimentos tradicionais de muitos outros povos ameríndios.

2 Tão grave como os efeitos negativos da ocupação dos territórios indígenas e do saque aos seus recursos naturais, foi a ocupação das mentes dos povos indígenas com um pensamento reducionista, uma ocupação que provocou a subordinação dos saberes indígenas, que aniquilou as possibilidades de reconhecimento dos pensamentos índios como pensamentos socialmente efetivos, que eliminou muitas formas distintas de produção autônoma de conhecimento.

3 Um verdadeiro epistemicídio, que resultou, por um lado, em uma imensa perda de conhecimentos e, por outro, na afirmação no imaginário do mundo moderno do mito da superioridade epistemológica do pensamento europeu.

4 Um processo tão violento quanto sistemático de desqualificação das expressões diferenciadas de conhecimento, responsável pela colonialidade, que mesmo depois de superado o processo de colonização, ainda hoje seja a marca do pensamento latino-americano.

5 Uma colonialidade sempre presente, muitas vezes de modo subliminar, conformando o pensamento colonizado a partir da colonizadora. Como mostra Eduardo Galeano na legenda do mapamundi, em encarte ao livro "A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais":

> Até o mapa mente. Aprendemos a geografia do mundo em um mapa que não mostra o mundo tal como ele é, se não tal como seus donos mandam que seja. No

> planisfério tradicional, o que se usa nas escolas e em todas as partes, o Equador não está no centro, o norte ocupa dois terços e o sul, um. A América Latina abarca no mapa mundi menos espaço que a Europa e muito menos que a soma dos Estados Unidos e Canadá, quando na realidade a América Latina é duas vezes mais que a Europa e bastante maior que Estados Unidos e Canadá. O mapa, que nos apequena, simboliza todo o demais. Geografia roubada, economia saqueada, história falsificada, usurpação cotidiana da realidade, o chamado Terceiro Mundo, habitado por gente de terceira, abarca menos, como menos, recorda menos, vive menos, diz menos (Galeano; 2005).

6 Numa analogia ao célebre e fundamental livro de Eduardo Galeano sobre a história das lutas sociais na América Latina (1971), as "veias abertas" pelas palavras de Galeano ("...chamado Terceiro Mundo, habitado por gente de terceira, abarca menos, como menos, recorda menos, vive menos, diz menos"), pode-se dizer mais, pode-se dizer que "o chamado Terceiro Mundo" pensa menos e, o que é muito mais grave, convencido que foi de que é um continente de terceira, seus povos pensam que pensam "menos", pensam que pensam pior, pensam que seus pensamentos são de menor qualidade, pensam que pensam com mais pequena propriedade, pensam que seus pensamentos são menores, mais pequenos, inferiores aos pensamentos do Primeiro Mundo, do mundo civilizado, do mundo desenvolvido, do mundo ocidental, do mundo europeu, do Norte. Nós pensamos que pensamos "menos" porque o nosso pensamento é hoje resultado de um longo processo de colonização que resultou em um profundo sentimento de inferioridade, responsável pela colonialidade do nosso pensamento que por não mais pensar hoje como pensou em tempos ancestrais, como pensaram os antepassados ameríndios, pensa que pensa "menos".

2. Iniciativas étnicas de superação da colonialidade

7 Por muito tempo, por séculos, nós (índios e brancos) acreditamos não somente na superioridade do pensamento europeu/ cristão/ científico/ moderno como também, e muito mais grave, na ineficácia, na impropriedade, na desqualificação e na invalidade do pensamento indígena, ou dos pensamentos indígenas, já que todos reconhecemos não apenas um "povo indígena", mas a existência de diferentes "povos indígenas" originários destas terras hoje chamadas de América Latina.

8 Todavia, dando provas de uma resistência jamais vencida, numerosas mobilizações, ações, programas e projetos de iniciativa dos próprios povos indígenas desencadearam um vigoroso processo de questionamento da colonialidade em todas as suas dimensões, promovendo a desconstrução dos discursos e práticas hegemônicos.

9 Em uma clara e inquestionável demonstração de força, validade e vitalidade dos sistemas indígenas como sofisticados sistemas de produção de pensamento (ou pensamentos, já que estamos falando de diferentes povos), estas iniciativas começaram um processo de reflexão critica não penas dos mundos das relações interétnicas como também da necessidade do "mundo branco" refletir sobre si mesmo e sobre seus objetivos, seus planos e seus interesses como sociedade, ao mesmo tempo que abriram aos povos indígenas a possibilidade concreta de ocuparem o cenário político e social latino-americano com suas presenças ativas, rompendo definitivamente com a visão de um índio submetido e subalternizado.

10 Falar do processo de colonialidade imposto na Amazônia (e por extensão na América Latina) às culturas/ sociedades/ povos indígenas pela colonização (hispânica e

portuguesa) é falar da necessidade de superação da perspectiva colonialista de produção do conhecimento, e, assim, questionar a colonialidade em todas as suas dimensões, promovendo a desconstrução dos discursos e práticas hegemônicos.

11 E falar da necessidade de superação da perspectiva colonialista de produção do conhecimento, implica na necessidade de construção de redes e relacionamentos voltados para a superação de perspectivas teórico-conceituais e de orientações práticas ainda hoje reproduzidas pelas instituições de ensino e pesquisa na América Latina, herdeiras de concepções eurocêntricas.

12 Como intelectuais acadêmicos (ou mais que isto, que em si mesmo traz impregnado a arrogância do pensamento cientificista elitista), como atores políticos comprometidos com o destino da Amazônia e dos povos indígenas, é necessário não mais reproduzirmos esta mesma colonialidade do pensamento que reduz a "visão"/ o "olhar" sobre a região à dicotomia Andes/ Amazônía, o que vale dizer que é chegado o momento de superar a conceitualização divisionista "altiplano"/ "terras baixas da América do Sul", que, muito mais que um recorte para as análises antropológicas, reafirma e impõe a separação de mundos indígenas muito próximos, que desde sempre trataram/ tratam, a partir de seus conhecimentos tradicionais, suas aproximações e seus distanciamentos.

13 Em termos da produção de conhecimentos, vale dizer que é chegado o momento de superar a conceitualização que estabelece o falso antagonismo entre conhecimento científico/saberes étnicos, que reafirma distâncias epistemológicas e impõe às diferentes formas de produção do conhecimento uma incomunicabilidade social historicamente construída pela colonização.

14 Para a construção de um pensamento andino-amazônico que supere la colonialidade, devemos olhar para os exemplos. E os exemplos, temos dois muito próximos, na própria região amazônica.

15 Um, que é dado pelos povos indígenas que já se aperceberam dos erros da divisão Andes/ Amazônía e começaram uma articulação em termos de movimento indígena-camponês andino/ amazônico (índio-campesino andino/ amazônico).

16 O segundo exemplo é dado pelos movimentos sociais com a realização dos Foros Sociais Amazônicos, espaços políticos que se configuram como arenas sócio-políticas de intercâmbio de experiências e iniciativas étnicas e populares para a construção de caminhos, redes e relacionamentos que estão dando uma nova dinâmica às lutas populares na região.

17 Aprender com os indígenas e com os movimentos sociais, inclusive ao nível da nossa organização como antropólogos e de nossas Antropologias, para que não mais continuemos cada um de nós a pensar apenas em nós mesmos, para que não mais sigamos de costas hispânicos e brasileiros, para não mais continuar de costas as nossas Antropologias; de costas (nós e nossas Antropologias) olhando, a partir de um olhar eurocêntrico imposto pela colonialidade de nossos pensamentos, os nossos mundos divididos (Andes/ Amazônía) lidos por uma Antropologia distante, da Europa e/ou da América do Norte, ainda que com boas intenções, ainda que tendo abdicado de suas práticas coloniais.

18 Aprender com os indígenas e com os movimentos sociais para a necessária construção de redes e relacionamentos entre nós (antropólogos) e os nossos fazeres antropológicos, as Antropologias sul-americanas: Antropologias brasileiras,

Antropologias colombianas, Antropologias peruanas, Antropologias bolivianas, Antropologias equatorianas, Antropologias venezuelanas, Antropologias surinamesas, Antropologias guianesas e, não podemos esquecer, as Antropologias cayenas, fundamentais (as redes e relacionamentos) para a superação da perspectiva colonialista de produção do conhecimento antropológico.

19 Aprender com os indígenas e com os movimentos sociais parece ser o caminho mais direto capaz de re-orientar as discursões sobre o exercício da profissão (ensino e investigação) e sobre os desafios colocados à Antropologia a respeito da sua inserção na realidade sócio-política amazônica-andina e latino-americana, em geral.

3. A necessária construção de redes e relacionamentos

20 Meu interesse pessoal (e que não é somente meu, estou certo!) é abrir um espaço que ajude a alcançar a integração interação/ inter-ação dos trabalhos etnográficos/ etnológicos/ antropológicos que são conduzidos ainda hoje na Amazônia de uma forma dispersa, não articulada, quase sempre sem contatos diretos, a partir de um diálogo muito distante e muitas vezes inexistente.

21 A minha comunicação/ fala pretende indicar/ defender/ propor a construção de redes e relacionamentos entre os diferentes povos indígenas e entre os antropólogos, e as nossas Antropologias, para a superação da perspectiva colonialista de produção do conhecimento, vendo estas redes e relacionamentos entre atores sociais do campo do indigenismo como iniciativas que buscam a possibilidade de construção de uma democracia pluriétnica na América Latina.

22 As análises e propostas aqui apresentadas estão diretamente associadas às idéias centrais defendidas em palestra proferida durante a vídeo-conferência de lançamento do XX Congresso de Antropología em Colombia, na proposta do Simpósio "La deconstrucción de la colonialidad: iniciativas indígenas y antropológicas" (Neves e Herrera, 2007), inserido na programação oficial do Congresso, realizado em outubro de 2007, na cidade de Santafé de Bogotá, Colômbia, e ainda na Comunicação "La Colonialidad y la Historia de las Culturas/ Pueblos de la Cuenca Amazónica (un acercamiento critico)" (Neves, 2007), que remetem para um momento futuro de aprofundamento nas discussões que terá lugar durante os trabalhos do Simpósio "Más allá de la Descolonización: movimientos étnicos y câmbios epistémicos" (Neves e Herrera, 2008), programado para o 53º Congreso Internacional de Americanistas, que terá lugar em julho de 2009, na cidade do México, México.

23 Estas propostas, análises e interpretações estão ancoradas no trabalho de campo que realizo junto aos povos indígena na Amazônia Brasileira desde meados de 1979, enquanto em seu aspecto teórico-conceitual encontram-se ancoradas, principalmente, nas formulações críticas apresentadas nos diversos artigos que compõem "A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais" (Lander, 2005) e de modo particular noções de "ecologia dos saberes" e "sociologiadas ausências e sociologia das emergências" (Santos, 2006) e seus desdobramentos/ aprofundamentos temáticos apresentados em outras obras doe mesmo autor (Santos, 2007; Santos, 2008).

24 Na verdade, com a minha comunicação/ fala eu gostaria de fazer a todos nós Cientistas Sociais um convite para a construção de um "outro mundo possível" pautado nos conhecimentos e visões de mundo dos diferentes povos indígenas da América Latina.

25 Para tal, proponho começar por invertermos os termos do questionamento/ desfio que reuniu os trabalhos apresentados no Workshop Pré-Colóquio "Os jovens e os caminhos do futuro", na Sessão III "Interculturalidade e Pós-Colonialismos. É possível a Igualdade na Diferença?". Para fugir dessa formulação já em si colonial, proponho substituir a sentença interrogativa do título da Sessão por uma forte afirmativa: "É possível sim a Igualdade na Diferença!", e mais exatamente "É possível sim as Igualdades na Diferença!", pois, como sabemos, na verdade não se trata de um "índio", mas sim de "índios", de variados e diferenciados sistemas de compreensão de mundo, que apenas são um para o olhar etnocêntrico e subalternizador com que o pensamento ocidental pensa os povos indígenas na América Latina.

BIBLIOGRAFIA

Galeano, Eduardo (1971), *Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Galeano, Eduardo (2005), "501 Años de Cabeza Abajo", *in* Edgardo Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociais.

Lander, Edgardo (org) (2005), *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

Neves, Lino João de Oliveira (2007), La *Colonialidad y la Historia de las Culturas/Pueblos de la Cuenca Amazónica (un acercamiento)*. Palestra proferida na Vídeo-conferência inaugural do 12 Congreso de Antropología em Colombia. Manaus, 16 de maio.

Neves, Lino João de Oliveira (2007), "La Colonialidad y la Historia de las Culturas/Pueblos de la Cuenca Amazónica (un acercamiento critico)". Comunicação apresentada no Simposio *La deconstrucción de la colonialidad: iniciativas indígenas y antropológicas*. Santafé de Bogotá, 10 a 14 de outubro.

Neves, Lino João de Oliveira, e Herrera, Luis (2007), *La deconstrucción de la colonialidad: iniciativas indígenas y antropológicas*. Proposta de Simposio apresentada ao 12 Congreso de Antropología em Colombia. Santafé de Bogotá, 10 a 14 de outubro.

Neves, Lino João de Oliveira, e Herrera, Luis (2007), *Más allá de la Descolonización: movimientos étnicos y câmbios epistémicos*. Proposta de Simpósio programado para o 53º Congreso Internacional de Americanistas. Cidade do México, 19 a 24 de julho de 2009.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez. Editora.

Santos, Boaventura de Sousa (2007), "Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.

Santos, Boaventura de Sousa (2008), "A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 11-43.

RESUMOS

Muito mais grave que o genocídio geral praticado na América Latina contra as populações nativas, da ocupação dos territórios indígenas e do saque aos seus recursos naturais, foi a ocupação das mentes dos povos indígenas com um pensamento reducionista que provocou Um verdadeiro epistemicídio. Falar do processo de colonialidade imposto na Amazônia (e por extensão na América Latina) às culturas/ sociedades/ povos indígenas pela colonização (hispânica e portuguesa) é falar da necessidade de superação da perspectiva colonialista de produção do conhecimento, e, assim, questionar a colonialidade em todas as suas dimensões, promovendo a desconstrução dos discursos e práticas hegemônicos. Esta Comunicação pretende fazer uma análise crítica da história civilizacional (ou descivilizacional) na Amazônia a partir da colonização européia imposta aos povos indígenas.

ÍNDICE

Palavras-chave: descolonialidade, epistemicídio, Amazônia, povos indígenas

AUTOR

LINO JOÃO DE OLIVEIRA NEVES

Lino João Neves vem atuando, desde 1979, junto aos povos indígenas na Amazônia brasileira, tendo as questões de garantia dos direitos territoriais e o reconhecimento das terras indígenas como foco central de atuação. Tem Pós-Graduação Latu Senso em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Paraná, e o título de Especialista em Antropologia Social; e Pós-Graduação Strictu Senso em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina. É Mestre em Antropologia Social e professor da Universidade Federal do Amazonas.